



MARCAS INDELÉVEIS

por ADÉLIA BORGES

Ronaldo Barbosa começou a desenhar ainda criança, na areia da praia em Vila Velha, no Espírito Santo. A água vinha e apagava – e ele seguia em frente, sem se importar com a fugacidade daquele instante. Continuou desenhando vida afora, movido em primeiro lugar por um impulso pessoal, quase uma contingência íntima que não se pode – e nem se consegue – recusar.

Só agora pude perceber a amplitude e a profundidade das consequências dessa determinação. Explico. Conheci Ronaldo em 2003, quando ele me convidou para dar uma palestra sobre design em Vitória. Ao longo dessa década e meia colaboramos mutuamente em alguns trabalhos e desenvolvemos uma forte amizade. Mas só ao participar da preparação deste livro tomei conhecimento da real dimensão de suas múltiplas facetas.

Poucos designers do nosso país podem ostentar a criação de mais de duas centenas de marcas, como se pode ver em páginas deste livro. Se quantidade nem sempre rima com qualidade, vê-se nesta seleção a competência com que vem exercendo o seu ofício, tanto para empresas de diferentes portes e segmentos, quanto para instituições e governos. Poucos também conseguiram chegar aos espaços públicos em seu trabalho – e aqui temos desde o logotipo para Festa de São Pedro, uma procissão de barcos realizada em Vitória, até o sistema de 16 marcas para as unidades de conservação da natureza no Espírito Santo.

Na mítica Escola Superior de Desenho Industrial, a Esdi, onde estudou no Rio de Janeiro, Ronaldo absorveu a metodologia necessária para o desenvolvimento de projetos de identidade visual capazes de se distinguir da improvisação até então disseminada no país, que resultava em marcas inadequadas e de rápida obsolescência. Ainda na época da faculdade, teve o privilégio de ser contratado por uma empresa para se encarregar da implantação do projeto de identidade que havia sido feito por Aloisio Magalhães, um dos mais importantes designers que o Brasil já teve, e que era então seu professor. Nesse momento, deparou-se com a complexidade da aplicação dos projetos de identidade visual nas várias interfaces da empresa com seus públicos – da frota de veículos ao papel de carta e à sinalização. Ali também aprendeu a circular com propriedade no mundo corporativo. Essa virtude, escassa entre boa parte dos profissionais da área criativa, lhe trouxe melhores condições de dialogar com os empresários e, em decorrência, de levar a termo seus projetos.

O design é uma atividade multidisciplinar, ligada tanto à economia quanto à cultura. Ronaldo trabalha muito bem nesses dois polos. Seu exercício da atividade não tem fronteiras. No design de móveis, seu projeto mais recente faz uso dos granitos tão abundantes em terras capixabas. São mesas com um design puro, essencial, que valoriza a beleza das pedras. (Aliás, nosso país ganharia muito com um programa para que nossas pedras ganhem o valor agregado que só o design pode trazer, deixando de ser vendidas em estado bruto.)

O design de superfícies é uma especialidade contínua em sua carreira, desde os anos 1970, quando criava tecidos para vários estilistas que gestavam a visualidade carioca na moda, até a década atual, em que a natureza da região serrana do Espírito Santo é interpretada por seu traço e aplicada sobre diferentes suportes, tais como jogos de mesa.

É ali na região serrana que ele atua no campo do design artesanal, desenvolvendo projetos em conjunto com comunidades de artesãs espalhadas por onze municípios, tais como Domingos Martins, Santa Maria de Jetibá e Afonso Cláudio, articuladas pelo Instituto Jutta Batista da Silva. São mais de mil mulheres que trazem de seus ascendentes europeus, sobretudo italianos, um vigoroso espírito de coletividade. O carro-chefe de sua produção são os bordados, feitos com muito esmero técnico. Sua colaboração é ajudar a ancorar os motivos dos desenhos na identidade cultural local. É um trabalho não *para* as artesãs, mas *com* elas.

Seu escritório é muito ativo no ramo do design de exposições culturais, de museus e de centros de memória empresarial, acumulando projetos para instituições de prestígio Brasil afora.

No campo das exposições e dos museus, Ronaldo não atua apenas como designer, mas como alguém que idealiza, impulsiona e concretiza iniciativas de primeira linha, em duas mãos de direção. Nunca quis "levar a arte", ou "levar a cultura" ao Espírito Santo, mas sim reconhecer e valorizar o que se produz no estado e, simultaneamente, oxigenar as ligações locais com o Brasil e o mundo. Assim, ele refuta tanto a visão colonizada quanto a xenófoba.

Sob sua direção, o Museu Vale transcendeu a ideia inicial de ser restrito à memória ferroviária para se tornar um dos mais reconhecidos museus brasileiros. A instituição completará 20 anos em 2018 como uma unanimidade entre museólogos, artistas e gestores culturais. Ele não caiu de paraquedas no Museu, e sim levou para lá uma experiência que já vinha acumulando desde meados da década de 1980, quando foi o coordenador da Galeria de Arte da Universidade Federal do Espírito Santo, e em muitas iniciativas que se sucederam.

Seu entusiasmo pela cultura capixaba me contagiou já em minha primeira ida a Vitória. Foi por isso que o convidei para fazer, em 2004, a curadoria, organização e design de uma exposição no Museu da Casa Brasileira, que eu então dirigia, sobre o patrimônio material e imaterial de uma centenária fábrica de pios de madeira de Cachoeiro de Itapemirim. Em 2005, partiu dele o convite para que

eu fizesse a curadoria de uma das mostras do Espaço Brasil, no Carreau du Temple, em Paris, por ocasião do Ano Brasil na França. Lá pude testemunhar sua maestria ao engendrar os vários atores necessários para erguer uma realização de peso. Ele driblou as várias limitações – de tempo, de recursos, de convívio de trabalhadores de duas diferentes nacionalidades, de atendimento a questões de legislação dos dois países etc. etc. – e liderou a equipe com segurança, sem precisar gritar ou se impor, mas unicamente pela alegria compartilhada de se fazer uma iniciativa daquela magnitude.

A faceta de articulador cultural de Ronaldo se liga a outra, a de artista. Essa, só vim a conhecer melhor agora, pois ele deixara de lado por cerca de duas décadas os desenhos, as pinturas e os videoartes. E não por falta de reconhecimento: realizou sua primeira exposição ainda aos 17 anos de idade, foi representado durante um período por uma galeria de prestígio de Los Angeles e ganhou alguns prêmios.

A energia que precisou dedicar às múltiplas atividades como designer e gestor cultural certamente contou na interrupção nas artes visuais. Mas deve ter contado também a visão rígida que prevalecia em seus anos de formação. Na Esdi ele aprendeu que design é design, arte é arte – ou seja, departamentos estanques e quase que opostos. E design tinha que ser obrigatoriamente “todo reto, branco, preto, cinza, aquele negócio chique, a forma e a função”.

Felizmente o seu interesse primordial pelo território em que se encontra o fez ficar longe da estética internacionalista. E a prática da arte, ainda que entrecortada, se impôs e foi retomada com força desde 2015, em sua casa em Domingos Martins, sob a influência da visão da majestosa Pedra Azul – uma camaleônica formação rochosa de granito, cuja coloração vai se alterando do laranja ao azul acinzentado ou esverdeado, conforme a hora do dia e a época do ano.

Creio que essas três dimensões – a do designer, a do empreendedor cultural e a do artista – se confundem na trajetória de Ronaldo. Elas são inseparáveis. Nelas, algumas características saltam aos olhos:

- O desenho é o fio condutor de sua trajetória. No ensaio “O Elogio da Mão”, o filósofo francês Henri Focillon diz que “a face humana é, sobretudo, um composto de órgãos receptores. A mão é ação, ela cria e, por vezes, seria o caso de dizer que pensa”. Esse enunciado se aplica totalmente a Ronaldo. Boa parte do que fez até hoje foi primeiro desenhado à mão para depois se tornar materialidade. Marca, móvel, filme, exposição – tudo parte do traço, seja do lápis ou da caneta sobre o papel, seja da escrita na areia, seja qualquer outro suporte que encontre à frente.

É difícil – e, de resto, inócuo – distinguir o que é arte e o que é design em cada um de seus trabalhos. Os rabiscos iniciais de um projeto de identidade corporativa ou o detalhamento prévio das cenas de um vídeo têm inequivocamente uma pulsão artística, independentemente de sua utilidade posterior. Da mesma forma, um desenho feito pelo simples prazer de fazer – como os que retratam a Pedra Azul – pode ser aplicado a um objeto funcional tão ordinário quanto um peso de papel sem perder a sua potência.

- Uma base comum que enxergo na atuação de Ronaldo é a sua capacidade de empatia – qualidade que considero imprescindível aos designers. Aqueles sem compreensão emocional de seus semelhantes, sem afinidade com eles, não conseguem atender às suas necessidades e desejos, por serem incapazes até de reconhecê-los. O uso frequente do concreto nos pisos de vários ambientes projetados pelo Studio Ronaldo Barbosa vem do fato de ser algo banal, que está ou esteve no cotidiano de qualquer pessoa, mesmo as mais humildes. Trata-se de uma escolha deliberada de nunca intimidar, sempre acolher.

A empatia está presente em suas ações no Museu Vale, em que o projeto educativo – baseado justamente numa “escuta sensível” dos visitantes – tem papel protagonista. Ou ainda em sua produção artística recente, em que é possível constatar uma sutil identificação com o outro mesmo em cenas carregadas de ironia ou de crítica social.

- Esse entendimento do outro, por sua vez, resulta de um interesse genuíno pelo ser humano, independente de seu extrato social, idade, grau de instrução. Ele me contou certa vez como adora ir à Festa da Polenta, promovida anualmente em Venda Nova do Imigrante; como se diverte ao ser jurado na escolha da rainha da festa; como gosta de reencontrar as velhinhas bordadeiras cujas histórias de vida incentiva que sejam temas de seus bordados. Ele parece repetir, sem dizer, um dos mantras do arquiteto Oscar Niemeyer: “A vida é importante; a arquitetura não é”.

A essa disposição afetiva junta-se a enorme curiosidade intelectual de alguém que parece estar sempre “escaneando o mundo”, tanto aquele que está a seu redor como o mais distante, e a partir daí vai tecendo tramas e conexões.

O resultado da mistura de todos esses atributos está neste livro. Se em criança as águas levavam embora seus desenhos, o que se pode ver nesta publicação é que em sua trajetória Ronaldo Barbosa criou marcas indelévels – e marcas aqui são consideradas em seu sentido amplo, de sinais distintivos, que ele vem imprimindo, para sorte nossa, no mundo a seu redor. E essas nem o mar pode apagar.

Adélia Borges é crítica, historiadora de design e curadora de exposições. Ex-diretora do Museu da Casa Brasileira, em São Paulo, integra o Comitê Consultivo da Bienal de Design de Londres.

